

DIÁRIOS DA SAUDADE: SENTIMENTOS E EMOÇÕES NA ESCRITA DE RUTH BUENO

Daniele Ribeiro Fortuna¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os diários da escritora Ruth Bueno, principalmente no que diz respeito aos seus sentimentos e emoções. Primeiramente, apresentamos uma breve contextualização do início dos anos 1960 e sobre o papel da mulher nessa década, período em que Bueno escreveu seus textos. Em seguida, prosseguimos com uma discussão sobre sentimentos e emoção, utilizando como base teórica autores como João Duque (2011) e Maria Claudia Coelho (2010), para, posteriormente, nos determos sobre os sentimentos e emoções que mais se destacam nas obras: saudade e solidão. Por fim, após discussão teórica sobre o tema, com foco em Roberto DaMatta (1993) e Georges Minois (2019), analisamos os diários de Ruth Bueno.

Palavras-chave: Sentimento; Emoção; Diários; Ruth Bueno.

NOSTALGIA DIARIES: FEELINGS AND EMOTIONS IN RUTH BUENO'S WRITING

ABSTRACT: This article aims to analyze the diaries of writer Ruth Bueno, especially with regard to her feelings and emotions. First, we present a brief contextualization of the early 1960s and about the role of women in this decade, when Bueno wrote her texts. Then, we continue with a discussion about feelings and emotion, using as theoretical basis authors such as João Duque (2011) and Maria Claudia Coelho (2010), to then concentrate on the feelings and emotions that stand out in the works: longing and loneliness. Finally, after theoretical discussion on the topic, focusing on Roberto DaMatta (1993) and Georges Minois (2019), we analyse Ruth Bueno's diaries.

Keywords: Feeling; Emotion; Diaries; Ruth Bueno.

Introdução

Saudade e solidão são dois sentimentos, geralmente, indissociáveis. Ao sentirmos falta de algo ou de alguém, imediatamente nos toma uma sensação de perda que, muitas vezes, nos torna solitários. Rememorar o passado nos traz lembranças... São recordações individuais e solitárias. Como forma de lidar ou até de preservar o passado, muitos dividem com o papel suas impressões de saudade e da conseqüente solidão que este ato provoca.

1 Doutora em Literatura Comparada (UERJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO. E-mail: drfortuna@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8739-727>.

É o caso da escritora Ruth Bueno, pseudônimo da advogada Ruth Maria Barbosa Goulart, que nasceu em 1925, em Juiz de Fora, Minas Gerais, e morreu em 1985. Atualmente, pouco conhecida tanto nos meios acadêmicos como do público em geral, Ruth escreveu diversas obras. Entre outras, publicou três pequenos diários, nos quais narra suas memórias: *Diário das máscaras* (1966), *Cartas para um monge* (1967), com boa parte escrita em francês, e *Em psicanálise*, lançado em 1983, mas com textos escritos na década de 1960 / 70. Este último são registros e anotações do seu processo terapêutico, nos quais não só fala do passado, como descreve a relação com seu psicanalista.²

Diferentemente das mulheres da sua geração, Ruth Bueno vivia sozinha, não se casou e trabalhava arduamente como advogada e professora universitária para se sustentar. Além disso, como revela em seus textos, mantinha relações com homens sem procurar explicar que tipo de relacionamentos eram esses, expondo apenas seus sentimentos.

Não é possível encontrar muitas informações sobre a escritora além de seus diários. De acordo com Ingrid Zacarelli Britto (2011), referindo-se a Nelly Novaes Coelho (2002 apud BRITO, 2011, p. 51), “Ruth Bueno começou a escrever ficção desde jovem. Porém, durante muito tempo, foi conhecida apenas como advogada e professora de direito”.

Na época em que escreveu seus diários, o Brasil vivia um momento de transição dos chamados Anos Dourados para o período da ditadura. No Brasil, o final da década de 1940 até início dos anos 1960 são conhecidos como Anos Dourados. Esse período foi marcado pela ascensão da classe média, pelo crescimento urbano e pela industrialização. Este cenário implicou o aumento das oportunidades no mercado de trabalho para homens e mulheres, bem como mais acesso à educação. Porém, como afirma Carla Passanezi Pinsky (2008), não houve mudança significativa nos papéis masculinos e femininos: o homem era o chefe da casa, e a mulher era a mãe e esposa que lhe devia obediência. A mulher devia possuir “características próprias da *feminilidade*,³ como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (PINSKY, 2008, p. 609).

O que se esperava da mulher era que ela se tornasse mãe, esposa e dona de casa, ou seja, uma moça de família. Segundo Pinsky (2008), além das moças de família, havia as levianas – as que tinham intimidades físicas com homens e eram chamadas de namoradeiras.

² Neste artigo, procuraremos nos deter em *Diário das máscaras* e *Em psicanálise*, já que *Cartas para um monge* repete os mesmos temas abordados das demais obras.

³ Grifo de Pinsky.

As mulheres que permaneciam solteiras eram consideradas socialmente fracassadas, pois era papel da mulher viver para o amor – entendendo “amor” como casamento.

Embora tenha crescido a participação das mulheres no mercado de trabalho naquele período, havia muito preconceito em relação ao trabalho feminino: “Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia da incompatibilidade entre casamento e vida social tinha grande força no imaginário social” (PINSKY, 2008, p. 609). O magistério era uma das poucas profissões aceitáveis. Mas a mulher deveria abandonar a função assim que se casasse ou engravidasse do primeiro filho.

Nos anos 1960, houve algum avanço no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade. Entretanto, permaneceram os estereótipos segundo os quais o homem deveria ser o chefe da casa, e a mulher, mãe e esposa obediente. Embora o mercado de trabalho estivesse mais acessível para elas, deveriam abandonar o emprego assim que se casassem ou engravidassem.

Carla Pinsky (2014, p. 63) aponta que, nas décadas de 1960, “a moral que regula o comportamento das mulheres, assim como os padrões que definem as distinções de gênero, são bem menos rígidos que nas duas décadas anteriores”. A pílula anticoncepcional passa a ser regularizada, e começam a surgir casos de mulheres que optam por engravidar fora do casamento. Porém, segundo Maria de Fátima Cunha (2001), a ideia de uma sexualidade desvinculada da procriação e, muitas vezes, do casamento ainda significava um tabu. A autora afirma, por exemplo, que a palavra “anticoncepcional” era proibida nos rótulos dos produtos: “As pílulas eram comercializadas como medicamentos para ‘regularizar a menstruação’” (CUNHA, 2001, p. 204). Além disso, a mulher continuava sendo vista como objeto. Cunha (2001, p. 205) aponta que, naquele período, os concursos de beleza eram considerados a “maior expressão da identidade da mulher / objeto”. A autora informa também que pesquisa realizada pela revista *Realidade*⁴ sobre a maneira de pensar dos homens mostrou que não houve modificações relevantes sobre esse aspecto ao longo do tempo.

A publicação apresentou ainda um artigo da psicóloga Carmem da Silva (1969, apud CUNHA, 2001) avaliando os resultados da pesquisa. Segundo a psicóloga (SILVA, 1969, apud Cunha, 2001, p. 206), para os homens brasileiros, só havia dois tipos de mulheres: a que

⁴ A revista *Realidade* foi uma publicação brasileira lançada pela Editora Abril em 1966 e que circulou até janeiro de 1976.

eles chamavam de “minha senhora” e as demais. E a “minha senhora” não poderia ser como as “outras”. Deveria possuir “virtudes domésticas, beleza que atraísse o olhar dos outros homens e recato que os mantivessem à distância”, bem como “simplicidade, modéstia, economia, humor, habilidade de se calar na hora certa”. Mas o requisito mais importante era a virgindade – “condição exigida por 83 % dos brasileiros”.

Foi neste cenário que Ruth Bueno escreveu seus diários. Como não era casada nem virgem, destoava das outras mulheres. Em seus livros, pequenos trechos revelam que este era um dos motivos que a faziam sentir solidão. Entretanto, a saudade parece ter sido sua maior companheira.

Este artigo busca analisar os diários de Ruth, tendo como foco suas emoções e sentimentos – principalmente, os sentimentos saudade e solidão. Pretende ainda procurar perceber como essas emoções e sentimentos se relacionavam ao papel da escritora na sociedade. Para tanto, discutiremos a questão das emoções e dos sentimentos: o que é exatamente saudade? E solidão? Qual a relação entre estes dois sentimentos? E o que é um sentimento? Assim, antes de nos determos nos diários de Ruth Bueno, é importante tecermos algumas considerações sobre estes temas, para, aí, sim, mergulharmos nos fragmentos – e nos sentimentos – da vida da escritora.

Dos sentimentos: saudade e solidão

É comum confundirmos emoção com sentimento. Muitos utilizam estas palavras como sinônimas, mas há algumas diferenças. Decerto, a principal é a duração. Enquanto a emoção é momentânea, o sentimento se estabelece, cria raízes no interior do sujeito. João Duque (2011, p. 4) considera que as emoções “são padrões de resposta do organismo às sensações”. Segundo o autor, há ainda as “emoções de fundo, que correspondem a estados de espírito mais prolongados”. E o sentimento é ainda mais profundo, “correspondendo a padrões sensoriais que transformam emoções em imagens”, pois somente “para além do seu existir momentâneo, é que uma emoção se transforma num sentimento, adquirindo, assim certa permanência (...)”.

Nesse sentido, Michelle Rosaldo (1984 apud COELHO, 2010, p. 266) afirma que “o sentimento sempre recebe sua forma através do pensamento” e “o pensamento é carregado de

sentidos emocionais”. De acordo com a autora, o sentimento seria um “pensamento incorporado”, ou seja, “pensamentos perpassados pela preocupação de que ‘eu estou envolvido””.

Uma emoção pode ser fugaz: a sensação de medo quando presenciamos um assalto, por exemplo. Mas pode também transformar-se em sentimento e habitar constantemente os nossos pensamentos – um medo permanente do perigo seria um “pensamento incorporado”.

Cabe ressaltar ainda o caráter social dos sentimentos. Rosaldo (1984 apud COELHO, 2010, p. 267) esclarece que “os sentimentos são práticas sociais, estruturadas pela forma de compreensão e concepção do corpo, do afeto e da pessoa, estas por sua vez culturalmente definidas (...)”. Os sentimentos, então, carregam marcas culturais.

Nesse sentido, talvez a saudade seja o sentimento mais associado aos portugueses. Para Joaquim de Carvalho (1998 apud LAMAS, 2003, p. 2), “(...), por tradição lírica peninsular e circunstancialismos históricos de Portugal como reconquistador de território (fronteiras instáveis) e país marítimo (Descobrimientos), este sentimento tenha ganho entre nós [os portugueses] um caráter metafísico não presente na mentalidade de outros povos”.

Herdamos dos portugueses a palavra. Cláudia Barcellos Rezende (2006, p. 23) se refere ao termo como uma “categoria que singulariza a experiência, falando do pertencimento a uma comunidade luso-brasileira”. Trata-se de um sentimento cuja relação com a memória e o passado é fundamental: “Falar de saudade significa falar de uma determinada relação com a experiência e com o tempo. É um modo de acionar a memória e com isso reverter, ainda que como ficção, a passagem do tempo” (REZENDE, 2006, p. 122)

A saudade, então, é um “pensamento incorporado”, que nos faz acreditar que o passado era um “um tempo no qual era mais fácil viver” e que está intimamente relacionado com a forma de ser do brasileiro, que parece ver o que ficou para trás de forma idealizada (NASCIMENTO; MENANDRO, 2005, p. 2005). E esta idealização é um processo solitário. É por isso que saudade e solidão, geralmente, andam juntas. As lembranças pessoais são individuais, assim como os sentimentos. Embora socialmente construídos, cada um rememora o passado a sua maneira.

Para Georges Minois (2019), a solidão sempre fez parte da história da humanidade. Trata-se de um elemento fundamental da condição humana. De acordo com o autor, a “história da solidão deixou numerosos traços, sobretudo literários”. (MINOIS, 2019, p. 3). E

estes traços literários, em geral, relacionam-se às escritas de si. Escrevendo sobre si mesmos, os solitários desabafam, confidenciam, rememoram - o que, para Philippe Lejeune (2014), caracteriza os diários. Minois (2019, p. 3) considera que a “solidão não deixa ninguém neutro ou indiferente”, pois “compromete toda a nossa concepção da condição humana”. Mas afirma que, no século XX, a solidão deixou de ser aquela do isolamento físico e tornou-se a “solidão no meio da multidão, solidão tanto mais insidiosa quanto mais recalcada”. (MINOIS, 2019, p. 409) Isso porque, na sociedade do século XX, o fortalecimento do individualismo implicou o surgimento de uma sociedade da autonomia, “em que o indivíduo deve elaborar seu “projeto pessoal” (MINOIS, 2019, p. 410)

Aos sujeitos, é dada a obrigação de fazer escolhas, o que significa dizer que são responsáveis por seus próprios fracassos. Tornar-se alguém realizado faz parte das exigências da sociedade contemporânea. E aqueles que não são bem sucedidos podem ser espezinhados. Por isso, a solidão cresce cada vez mais. O medo de não atingir o ideal de alguém que conseguiu a (auto)rrealização pode provocar “patologias narcísicas, fatores de profundas solidões” (MINOIS, 2019, p. 421) Além de se ver como fracassado, o indivíduo se sente incompreendido, frustrado, inadequado etc. De emoção temporária em função de algum evento passageiro, a saudade tende a tornar-se um sentimento estabelecido, com raízes profundas na vida dos sujeitos.

Isso posto, buscaremos agora perceber como saudade e solidão aparecem nos textos de Ruth Bueno.

Diários da saudade e da solidão

Os diários e memórias fazem parte das chamadas escritas de si. Segundo Lejeune (2014), o diário é marcado por registros fragmentados, anotados constantemente, no calor do momento. As memórias são lembranças do passado, que o escritor relata de acordo com suas lembranças. Ambos os gêneros se constituem em uma ferramenta que permite guardar vestígios de vida, confissões, tristezas e alegrias. O escritor tem nesses gêneros um espaço de desabafo e resistência.

No que concerne às memórias femininas, Fortuna (2019, p. 20) afirma que estas se apresentam como “um como um espaço poderoso de palavra para quem, constantemente, tem

sua voz pouco ouvida”. De acordo com Viana (1995), no Brasil, as primeiras obras de memórias femininas foram escritas no final do século XIX e publicadas posteriormente.

Naquela época, o diário era considerado uma forma de educar as meninas. Fortuna, referindo-se a Viana (1995 apud FORTUNA, 2019, p. 21) afirma que: “à mulher era prescrita uma postura de recato, subserviência e discrição, e que o diário contribuía para o cumprimento dessa exigência”. Um dos primeiros foi *Minha vida de menina*, de Maria Helena Morley. Seu pai a via como uma menina insubmissa e questionadora. Acreditava que, ao dedicar-se à escrita, estaria refletindo sobre seus atos e exercitando a disciplina.

Apenas depois da década de 1960, a partir dos movimentos feministas e por causa do desenvolvimento dos meios de comunicação, é que as mulheres entraram definitivamente no mercado editorial: “Nos anos setenta e marcadamente na década de oitenta, houve um verdadeiro boom editorial de obras femininas de cunho memorialístico” (VIANA, 1995, p. 15). Esse boom editorial do qual fala Viana (1995) coincide com o período da ditadura militar no Brasil.

Naquele período, muitos escritores tentavam driblar a censura. Entretanto, como afirma Viana (1995), além da censura externa, as mulheres deveriam ultrapassar a censura interna: “nascida da incorporação de valores, concepções e preconceitos que o contexto sociocultural impõe a cada sujeito, muitas vezes mais impermeável e castradora do que mecanismos censores externos” (VIANA, 1995, p. 18).

De acordo com Fortuna (2019, p. 21), “as mulheres viviam sempre aprisionadas no silêncio, e a escrita lhes permitia falar – mas só até certo ponto. Elas próprias se autocensuravam, evitando certos temas, ou, ao abordá-los, se penitenciavam por terem se expressado daquela forma.

Como afirmamos anteriormente, Ruth Bueno escreveu seus diários em meados da década de 1960. Era um momento de transição de um mundo cujos valores eram impostos pela religião e pela moral (MINOIS, 2019) para uma temporalidade marcada pelo precário e pelo efêmero (LIPOVETSKY, 2004).

De acordo com Gilles Lipovetsky (2004, p. 51), “a partir do final dos anos 70, a noção de pós-modernidade fez sua entrada no palco intelectual com o fim de qualificar o novo estado cultural das sociedades desenvolvidas”. Teve início ali a noção de um período que, segundo Lipovetsky (2004, p. 32), se caracterizava por: “Rápida expansão do consumo e da

comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e a militância como considera Lipovetsky”.

Assim, Ruth vivia numa sociedade que ainda impunha certos padrões – principalmente às mulheres -, mas na qual já se apresentavam possibilidades de mudanças. A mulher devia casar e ter filhos, porém algumas, como a escritora, começavam a questionar esses modelos.

Seus diários mostram esta ambiguidade entre uma mulher que quer viver sua autonomia – financeira e sentimental -, mas que parece se sentir sozinha, pois nem sempre conta com a compreensão da sociedade. Talvez por isso, o passado pareça mais feliz...

Solidão e saudade parecem andar juntas para Ruth, tanto que a própria escritora estabelece esta relação: “Solidão não é apenas estar só. Muitos estão sós. Poucos em solidão. Solidão tem ares de lembrança e é vizinha da saudade. Gosta do sossego, mas não quer dizer paz. É, de certa forma, o reencontro do eu consigo mesmo” (BUENO, 1966, p. 21)

Ruth busca a todo momento (re)encontrar-se por meio de suas lembranças. Quer reencontrar a menina que brincava na fazenda, a jovem que viajou sozinha para Europa e se encantou por Paris, a mulher que teve vários amores e ainda ama, mas que não parece ser correspondida da mesma forma. A escritora está sempre rememorando fatos do passado – mais feliz – e fugindo do presente, que é vazio: “De fuga em fuga, fica a ausência. Num vazio que nem o tempo cobre, e nem passa, porque perdura”. (BUENO, 1966, p. 27)

Ruth Bueno está mergulhada em seus sentimentos e emoções. Seu diário mostra que, pelo menos ao escrever, concentra-se mais na sua vida interior que nos fatos externos. Uma leitura detida de seu texto revelou três temas principais: saudade (de um amor e/ou do passado), solidão e considerações sobre o papel da mulher na sociedade, que, por sua vez, implica em sentimentos e emoções.

Ao descrever seus sentimentos, Ruth constantemente os relaciona com algum tipo de imagem. Ao refletir sobre o tempo, por exemplo, a escritora afirma que o passar dos anos muda o rosto e que seu rosto é uma marca diferente a cada dia:

Tenho uma coleção de máscaras. A de sulcos marcados, vincos que ficam das emoções quentes; a tristonha, de ar distante e olhar perdido; outra mostrando sarcasmo; esta aqui se abre em riso franco, vendendo alegria. Tenho também a tediosa, inexpressiva, que é um rosto vazio e sem olhar. (BUENO, 1966, p. 20)

Decerto, este trecho tem relação com o título do livro: *Diário das máscaras*. Conforme os sentimentos mudam, as máscaras vão se modificando. E cada máscara revela uma imagem diferente.

Quanto às emoções, estas aparecem quando Ruth se refere a situações do presente, principalmente quando relata fatos do cotidiano ou suas sessões de psicanálise. Na maior parte das narrativas, a escritora escreve sobre o passado.

A imagem da Ruth menina frequentemente aparece nas páginas do diário. Para a escritora, esse passado distante é sinônimo de uma saudade que Roberto DaMatta (1993, p. 295) descreve como “janela da qual se olha e se vê, intacta e distante, uma infância inocente e feliz”. Assim, a escritora lembra seus tempos de criança e a casa onde morava. Tinha especial apreço pelo pé de jabuticaba que, segundo ela, sempre a acolhia com galhos amigos. Ao lembrar-se do quintal, revê as brincadeiras, a festa de São João que sua família organizava, a fogueira, as comidas, os aromas...

Nas recordações, está a felicidade que Ruth Bueno parece não encontrar no seu dia a dia. E pensar no passado dói, porque a saudade significa falta e solidão. Falta de pessoas e situações que já não existem mais; solidão por tornar concreta esta falta.

Quando dois tostões caem na mão da escritora, mais uma vez, uma cena dos tempos de menina vem à mente da escritora: o picolé, uma velha que passava por sua casa pedindo esmola, o preço do bonde, o ingresso do circo... Recordações de felicidade... Depois das lembranças, a saudade: “Dolorido; muito dolorido o que ontem escrevi. Os dois tostões mexeram com o meu peito, e coração quando vai para o papel, é no que dá” (BUENO, 1966, p. 33).

Segundo DaMatta (1993, p. 135), “a saudade é algo que se aprende a partir de um certo evento fortemente vivido”. Entretanto, como considera o antropólogo, trata-se de uma categoria sociológica “dotada de profunda ‘capacidade performativa’”. Por isso, para DaMatta (1993, p. 136), “é a categoria que conduz a uma consciência aguda do sentimento, não o seu contrário”. Então, é a própria noção de saudade que provoca o vigor do sentimento.

Mais uma vez, reafirmamos a relação entre saudade e tempo. Sob o ponto de vista de Roberto DaMatta (1993, p. 177), a saudade “é a expressão de uma concepção específica de

tempo”, referindo-se ao “*tempo por dentro*”⁵. Trata-se de um sentimento que cristaliza as qualidades do passado. Dessa forma, a saudade permite invocar este passado perdido e “dialogar com pedaços no tempo e, assim fazendo, trazer os movimentos especiais de volta” (DAMATTA, 1993, p. 155).

Nesse sentido, Ruth Bueno parece cristalizar a imagem do pai, cuja presença é constante em seus diários. Segundo Ruth, ele a queria muito e tudo perdoava: “Ele se fizera guardião dos meus passos” (BUENO, 1983, p. 25). No livro *Em psicanálise*, a escritora descreve para seu psicanalista momentos que antecederam a morte de seu pai: “Quando te afligias no teu leito de morte, falavam-te que eu ia bem e sinto que tu devias sorrir, na tua quase inconsciência. Meu pai. De olhos claros, que brilham, meu pai, amor inconsciente da minha infância. Amigo”. Imediatamente, relaciona a cena à solidão: “Caderno de minha solidão, tudo isso disse hoje, sem sustos (...) (BUENO, 1983, p. 27).

Outras imagens que povoam as páginas de seus diários são as que dizem respeito à sua condição de mulher. Ruth Bueno (1966, p. 28) questionava os padrões impostos pela sociedade, expondo seu ponto de vista: “Temos direitos, escritos, no papel. Falta para nós mulheres, um lugar ao sol. Nosso trabalho é dúvida; o mérito, uma reticência... Nossas fraquezas marcam, fazendo nossa fama. Querem-nos como nos querem, e se esquecem de que também pensamos. Mas não nos tomam a sério. Ainda somos apenas brinquedo”.

Sobre o papel feminino na sociedade, Ruth Bueno era enfática. Entretanto, muitas vezes, suas atitudes contrárias ao que se esperava das mulheres naquele momento e visão de mundo acabavam por isolá-la, causando-lhe solidão. Para a escritora, a solidão já se instalara como sentimento e de uma maneira que já aponta para o individualismo.

Aqui cabe recorrermos novamente a Minois (2019, p. 410), que afirma que o “indivíduo (...) tem o dever de se “realizar” e vivendo sob esta espécie de exigência social, “o fracasso é muito mais cruelmente sentido”, pois “é traumatizante não conseguir ser feliz numa sociedade em que a felicidade é erigida quase como um dever, em que a alegria de viver é um critério de seleção fundamental em todos os domínios, em particular o profissional” (MINOIS, 2019, p. 411).

Entretanto, na década de 1960, para as mulheres, o fracasso não era na área profissional, mas, sim, pessoal. Se uma mulher não se casasse – e, portanto, não tivesse filhos,

⁵ Grifo de DaMatta

já que uma coisa estava atrelada à outra -, era considerada malsucedida e, naquela época, uma ameaça às mulheres casadas.

No dia 7 de fevereiro de 1963, para não ficar sozinha, Ruth decide ir a uma festa de criança. Ela conta que na casa havia homens e mulheres, a maioria casais. Os homens ficavam num grupo, e as mulheres em outro: “Fez-se a rodinha dos homens e das mulheres. Essa mania muito nossa de isolar os sexos, fazendo segregação. As rodinhas femininas não saem do ramerrão: criada, menino, receita de cozinha” (BUENO, 1966, p. 31).

Apesar de procurar conversar com essas mulheres, não era de fato aceita pelo grupo, principalmente, se um dos maridos a tratava bem: “- ‘Você me parece tão sozinha, querida, em meio a toda esta gente’. Era o F. que passava, marido de minha amiga. Habitara-se a chamar-me de querida. Aquilo, nele, era muito natural. Dessas coisas que alegram o coração da gente e não fazem mal a ninguém” (BUENO, 1966, p. 31).

Mas essas demonstrações de afeto não eram bem vistas: “Nem com a amizade, o ciúme faz concessão. Ainda não encontrei uma única mulher que acolhesse as amigas do marido. O jeito é quem é só, ficar sozinha. Será que se eu tivesse marido, faria a mesma coisa? Devia fazer. Afinal a razão está em ‘agarre seu homem’. Agarre mesmo. Quem tem.” (BUENO, 1966, p. 31).

Embora Ruth tivesse optado por ser independente e dona das suas próprias escolhas, sentia-se solitária e incompreendida. Nem sua literatura era aceita. Em um diálogo sem data, ela transcreve a fala de uma mulher que a abordou, aconselhando-a: “A senhora deveria lançar-se com outro livro, um livro vendável, um livro que o leitor compre. ‘Diário das máscaras’ ninguém vai comprar. Ainda se mudasse o título...”. A escritora, então, pergunta que título a mulher sugeriria, ao que ela responde “Diário de uma mulher solteira”. No final da conversa, a mulher diz: “Sabe, eu sou uma mulher realizada, casada, com três filhos” (BUENO, 1966, p. 144).

Não bastasse, para época, o fato de ser solteira e independente, Ruth Bueno falava claramente sobre os seus relacionamentos. São trechos nos quais, mais uma vez, solidão e saudade praticamente não se dissociam. Roberto DaMatta (1993, p. 164) afirma: “sei que amo porque tenho saudade”. O amor parece ser assim também para Ruth. A escritora narra menos situações e mais suas emoções e sentimento em relação aos homens com quem sai.

No dia 20 de fevereiro de 1963, por exemplo, Ruth descreve um jantar à luz de velas. Mais sensual que romântico, durante o encontro, falaram sobre “de homens, de mulheres, e entre eles, amor e sexo” (BUENO, 1966, p. 37). Mas a noite não terminou como ela esperava: não houve abraços e beijos, apenas um convite para dançar. Como é comum em seus diários quando se trata de relacionamentos amorosos, a noite começou com a emoção do desejo, terminou em frustração e, com o passar do tempo, em saudade: “Hoje, dias e dias passados, em que espero, dizendo-me – quem sabe... – a tua volta, penso, com saudade naquela entrega que não houve, para que fosse tua. E que distante, indiferente, te esqueces de vir buscar” (BUENO, 1966, p. 38).

Os momentos passados, as lembranças, a saudade são seus companheiros de solidão. Os sentimentos de amor transformam-se em nada: “A paz voltou. Nela, o silêncio, meu companheiro. Nele, a tua lembrança, enchendo a casa inteira, e amainando, em saudade, esta solidão sem fim. Vai para o caderno a ternura de que trago cheias as mãos. E fica perdida. Para ninguém” (BUENO, 1966, p. 47). Ruth Bueno se sente tão tomada por esses sentimentos que, em 28 de janeiro de 1964, escreve em seu diário um trecho intitulado “A carta da saudade”. Nele, mais uma vez, relembra um amor fracassado.

Nas últimas páginas de *Diários das máscaras*, Ruth escreve o trecho denominado “Adeus a Dr. Jivago”. O título refere-se ao romance russo *Dr. Jivago*, de Boris Pasternak, que conta a história do médico aristocrata e poeta Iuri Jivago, entre 1903 e 1943, que acompanha momentos fundamentais da trajetória de seu país, como a Primeira Guerra Mundial e a revolução russa.

O romance narra a história de amor entre Jivago e Lara Antipova que, após muitos percalços, não conseguem viver seu relacionamento amoroso. Ambos morrem no final. Com este título, Ruth Bueno parece querer fazer referência a sua própria história de amor com um homem, com quem esteve apenas duas vezes em dez anos, e com o qual, mais uma vez, acaba se frustrando, pois não é correspondida.

Não correspondida também é relação de Ruth com seu psicanalista. No livro, ela revela como se abria com seu com ele sem pudores e como foi confundindo seus sentimentos. Ao iniciar as sessões, as palavras do profissional lhe provocavam raiva. Com o tempo, vinha à sua mente a lembrança do homem com quem conversava e – mais uma vez – saudade...

Percebe também que vai se envolvendo com ele e acaba resolvendo se afastar, talvez para que o ciclo não se repita novamente – envolvimento, frustração, solidão, saudade...

Considerações finais

Georges Minois (2019, p. 3) afirma que “os solitários costumam ser muito profusos por escritos. Deixaram confidências, defesas, diários íntimos, poemas, cartas (...)”. Com Ruth Bueno, não foi diferente. A solidão a fazia escrever. Entretanto, o próprio ato da escrita a tornava ainda mais sozinha:

O hábito de escrever, de por no escrito o sentimento – e o pensamento – vai me afastando dos outros. Torno-me cada vez mais presa em mim mesma. Minha pena é minha amiga, mas está teimando em ser a única. Absorve meus minutos vagos, e se os preenche a meu agrado, acaba por acabar com o resto. O resto é eu ficar ainda mais, muito mais, sozinha. É no que dá escrever. A coisa é um círculo vicioso. Preciso de solidão para escrever e escrevendo aumenta a solidão. A vida fica áspera. (BUENO, 1966, p. 38, 39)

No livro *Em psicanálise*, que reúne trechos escritos da década de 1960 aos anos 1980, ao aproximar-se do fim do diário, é possível perceber que Ruth se torna ainda mais sozinha, mas menos saudosa. Talvez a saudade tivesse sido companheira, mas agora o que ela deseja é praticar o desapego: “Às vezes sinto falta de alguma coisa da minha vida de antigamente, no entanto, prevalece o desapego” (BUENO, 1983, p. 83).

Assim, a escritora passa a se desligar cada vez mais de tudo, até mesmo do próprio diário. Lejeune (2014) considera que o diário tem como função não apenas registrar o passado, deixando marcas da vida de quem o escreve, mas também como forma de companhia e desabafo. Na última página de seu livro, num trecho sem data, mas após o dia 6 de abril de 1982, Ruth Bueno se questiona se os registros dos diários seriam mesmo necessários e que seriam uma forma de contornar o silêncio. Em seguida, repete a pergunta: “Seriam mesmo necessários?” Prontamente, afirma: “Eles também passam, ficam esquecidos. E me pergunto se devo continuá-los ou se me bastaria já agora deixar que tudo fosse acontecendo, passando, morrendo sem deixar marca” (BUENO, 1983, p. 83)

Desaparecem a saudade, a solidão...

REFERÊNCIAS

- BUENO, Ruth. *Diário das máscaras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- _____. *Cartas para um monge*. Rio de Janeiro: Edição independente, 1967.
- _____. *Em psicanálise: registros e anotações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- BRITO, Ingrid Zacarelli. “*Cadernos íntimos*” diários publicados: um estudo das práticas de escrita de diários no âmbito das práticas sociais disseminadas. 1989, 89 f. Mestrado em Educação: Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. *Mana*, 16 (2), p. 265-285, 2010.
- CUNHA, Maria de Fátima. Homens e mulheres nos anos 1960 /70: um modelo definido? *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.
- FORTUNA, Daniele Ribeiro. Coração escuro como um segredo. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FORTUNA, Daniele Ribeiro. (orgs.) *Narrativas do eu: gênero, emoções e produção de sentidos*. Porto Alegre: Sulina, 2019.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia da saudade. In: _____. *Conta de mentiroso – sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1993.
- DUQUE, João. Do sentimento de si ao sentimento do Outro. *Theologica*, Braga, n. 4., 2.^a série, fasc. 1, p. 15-29, 2011.
- LAMAS, Maria Paula. *Reflexões sobre a saudade*. Lisboa: Imprensa José Fernandes, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MINOIS, George. *História da solidão e dos solitários*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; MENANDRO; Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. *Memorandum*, 8, p. 5-19, 2005.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

REZENDE, Claudia Barcellos. Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da antropologia das emoções. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, Vol. 5, n. 14/15, p. 122-136, ago / dez 2006.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

Recebido em: 08/03/2021.

Aceito em: 11/08/2021.